

## **A Revista América Brasileira E A Introdução Dos Estados Unidos Como Modelo De Nação Moderna<sup>1</sup>**

Gisely Valentim Vaz Coelho HIME<sup>2</sup>  
Centro Universitário UniFIAMFAAM - FMU, São Paulo, SP

### **Resumo**

A revista *América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional* (1921-1924), fundada pelo escritor Elysio de Carvalho (1880-1925), sintoniza o contexto brasileiro do início dos anos 1920. Em meio às comemorações ufanistas do Centenário da Independência, discutem-se as ainda insipientes urbanização e industrialização, ansiando-se por um projeto de Nação que sintonize o Progresso sem perder as referências da Identidade Nacional – aliás, outro tema complexo em debate. Em meio a esse contexto, os Estados Unidos insinuam-se como nova liderança mundial no Pós I Guerra e, dessa forma, apresentam-se como alternativa de modelo para a almejada modernização brasileira. Por esse motivo, o objetivo geral deste artigo é analisar a imagem do Estados Unidos em uma publicação que projeta a liderança brasileira na América Latina.

**Palavras-chave:** América Brasileira; Estados Unidos; Progresso; Modernização.

Ao festejar o centenário da Independência, o Brasil vive um sério conflito político, marcado pela crise do pacto oligárquico que sustentara as primeiras décadas do Governo Republicano. O País estava longe da modernidade almejada e a industrialização não avançara como o planejado, apesar do discurso ufanista da Exposição Internacional Comemorativa, instalada no Rio de Janeiro, de setembro a dezembro, que mobilizou vultuosos investimentos, ignorando a crise econômica. O debate sobre a Identidade Nacional marca tanto a disputada sucessão presidencial, quanto movimentos culturais como o Modernismo, que inspira a Semana de Arte Moderna.

Segundo análise de Ricardo Seitenfuss, os primeiros quarenta anos do regime republicano registraram uma evolução geral - social e econômica - da sociedade brasileira (SEITENFUS, 1985:3). Entre os vários fatores que atestam tal evolução, estão:

1. o crescimento demográfico, acompanhado de um sensível impulso urbano;
2. a crescente industrialização: em 1907, o País conta com apenas 3.258 estabelecimentos industriais, que empregam cerca de 150 mil operários. Em 1920,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VI Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Professora do Curso de Jornalismo do UniFIAMFAAM e coordenadora da Área de Comunicação Social do Centro de Pós Graduação da FMU, email: giselyhime@uol.com.br

esse número se eleva para mais de 13 mil estabelecimentos, com 275,5 mil pessoas empregadas (CARDOSO, 1984, v. VIII:20);

3. o aparecimento da classe operária, consequência dos processos de industrialização e urbanização;
4. o movimento de ideias, no qual se insere a Semana de Arte Moderna, marco do rompimento da intelectualidade brasileira com uma cultura importada. A intelectualidade brasileira volta-se para a realidade nacional, originando o nacionalismo cultural.

Neste contexto, é fundada a revista *América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional* (1921-1924), pelo escritor Elysio de Carvalho (1880-1925). Conforme descreve Clarice Caldini Lemos, no artigo *O Nacionalismo na América Brasileira: a questão da raça*, resultado de suas pesquisas para dissertação de Mestrado,

Seu objetivo está claramente colocado na contracapa: “*América Brasileira*, publicação como até hoje não teve o Brasil, resolveu a questão de possuímos uma grande revista de cultura e informação geral ao alcance de toda gente” (AMÉRICA BRASILEIRA, 1922: n.p.). O cabeçalho inicial em todos os números contém as seguintes designações: crítica e estudo dos problemas nacionais; defesa militar e econômica; resenha da vida internacional; e síntese das possibilidades e realizações brasileiras (LEMONS, 2013:2).

Sintonizada com a mentalidade da época, a revista propõe-se refletir sobre a Identidade Nacional e, conseqüentemente, sobre o espaço ocupado pelo Brasil na América Latina e sobre o projeto de País, enquanto Nação que busca se posicionar como liderança nas Américas. Daí se apresentar como um objeto favorável ao entendimento das relações entre os países latino-americanos, após o conturbado século XIX, de disputas territoriais e redefinição de territórios. Mostra-se ainda oportuna ao estudo das relações Brasil-Estados Unidos, que apenas se intensificarão no decorrer da Segunda Guerra Mundial, ao registrar sua participação nos eventos que mobilizam a América Latina. Por esse motivo, o objetivo geral deste artigo é analisar a imagem do Estados Unidos em uma publicação que projeta a liderança brasileira na América Latina.

A escolha justifica-se também pela qualidade da publicação. São inúmeros os intelectuais e escritores de renome que colaboram com o periódico, entre eles, Graça Aranha, Sérgio Buarque de Holanda, Mário de Andrade – que nele publica suas *Crônicas*

de *Malazarte*, entre 1923 e 1924<sup>3</sup> -, Paulo Prado, Tasso da Silveira, Ronald de Carvalho, Oliveira Vianna, Rocha Pombo, além de Rufino Blanco Fombona<sup>4</sup> e António Sardinha<sup>5</sup>. A publicação traz poucas ilustrações, mas produzidas por artistas plásticos e gráficos como Zina Aita, Jorge Barradas, Correia Dias e Di Cavalcanti, responsável pela maioria das capas.

Publicada entre 1921 e 1926, no Rio de Janeiro, a revista contabilizou 36 edições, nas quais tratou de política, economia, artes e cultura, na perspectiva das constituição de um projeto para o Brasil, com ênfase na modernização e no nacionalismo. As ideias de Elysio de Carvalho são preponderantes no tratamento das temáticas. Segundo Piazza,

O que movia Elysio de Carvalho era um “nacionalismo militante” calcado num profundo conhecimento da realidade brasileira, poder-se-ia dizer, que inspirado em Alberto Torres de *A Organização Nacional* (1914) e de *O Problema Nacional Brasileiro* (1914). Daí a obra que publicou em 1922, no ano do centenário da Independência do Brasil, sob o título *Os bastiões da nacionalidade* (PIAZZA, 2007:43).

#### E continua

Pode ser considerado um precursor de projetos de modernização para o país, como o da interiorização do Brasil – em *O fator geográfico na política brasileira* (1921) levado a cabo no governo Vargas com a *Marcha para o Oeste*, em 1938, e defensor ardoroso da siderurgia nacional – em *Brasil, potência mundial* (1919) – fortalecida com a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional, em 1942 (PIAZZA, 2007:43).

Propomo-nos, pois, a refletir por meio desse periódico como os Estados Unidos colocam-se como referência no imaginário brasileiro, neste período em que se lançam as bases para um projeto de modernização do País, refletindo-se sobre a Identidade Nacional

<sup>3</sup> Segundo Wilson José Flores Jr., no artigo *Belazarte e os engodos da modernização brasileira: leitura da crônica O Diabo, de Mário de Andrade*, “entre 1923 e 1924, Mário de Andrade publicou mensalmente na revista *América Brasileira* uma série de oito crônicas e dois contos a qual chamou de “Crônicas de Malazarte”. Nelas o autor registrava fatos da história do movimento modernista, discutindo as principais questões que norteavam os debates da época. Fundamentalmente voltadas à polêmica, as crônicas expressavam debates fictícios entre três personagens: o cronista, Malazarte e Belazarte, além de Graça Aranha, presença constante, mas passiva (FLORES JR., 2011).

<sup>4</sup> Rufino Blanco Fombona foi um importante escritor e político venezuelano do final do século XIX e começo do XX. Nascido em Caracas, a 17 de junho de 1874, faleceu em Buenos Aires, Argentina, a 16 de outubro de 1944. Exerceu diversos cargos diplomáticos, entre os quais, cônsul da Venezuela, na Filadélfia, EUA (1892-1895); cônsul de Santo Domingo, em Boston, EUA (1899); cônsul da Venezuela, em Amsterdã, Holanda (1901-1904). Preso diversas vezes por exercer oposição ao governo vigente, em 1910, é enviado ao exílio, na Europa, onde permanecerá até 1936. Nesse período, contudo, também ocupará cargos diplomáticos a serviço do Paraguai, atuando como cônsul em Toulouse (1918-1925) e Lyon (1927), ambas na França, e em Lérida, Espanha (1928-1932).

<sup>5</sup> António Maria de Sousa Sardinha foi um importante escritor, historiador e político português, em fins do século XIX e início do XX. Nascido em Monforte, a 9 de setembro de 1887, faleceu prematuramente aos 37 anos, em Elvas, a 10 de janeiro de 1925. Como ensaísta, tornou-se uma das principais referências do Integralismo Lusitano, inclusive para a resistência ao Salazarismo, anos após sua morte. Defendia a união entre os povos ibéricos e hispânicos por meio da Aliança Peninsular que deveria unir Portugal e Espanha, constituindo uma ampla comunidade dos povos lusófonos e hispanófonos.

dessa jovem Nação que comemora o centenário de sua Independência e mal ensaia os primeiros passos após sua constituição enquanto República.

### **Um Espaço Para Propor, Debater E Refletir**

*A América Brasileira* é uma publicação mensal com poucas ilustrações muito texto, distribuído em três colunas. Em geral, as edições tem cerca de 35 páginas, com exceção da edição especial de comemoração do Centenário da Independência, que reuniu os números de 9 a 12, saindo somente em dezembro de 1922, com 96 páginas. O texto organiza-se em poucas seções - Comentários, Ecos e Notícias, Pequenas Notas e Autores & Livros – e uma preponderância de artigos. O que diferencia as seções não são os temas tratados, mas o tamanho dos textos. Comentários traz reflexões de tamanho mediano, cerca de uma coluna e meia; Ecos e Notícias reúne alguns comentários a respeito de um fato, em aproximadamente 20 linhas; Pequenas Notas traz brevíssimos comentários de dez linhas, sem título; e Autores & Livros, como o próprio nome indica, resenhas de obras.

Como recorte para este estudo inicial optamos pelas publicações do ano 1922, considerando as comemorações do Centenário da Independência do Brasil como estímulo para o debate sobre a Identidade Nacional e a modernização do País. Pretendemos, numa etapa posterior desta pesquisa, dar-lhe prosseguimento, considerando as demais edições.

No período analisado, os Estados Unidos foram citados em 47 matérias. Desse total, 24 – ou seja, cerca de 50% - são artigos, 18 deles assinados. Os autores são jornalistas, escritores e políticos brasileiros, latino-americanos e europeus. São eles: Oswaldo Orico, Hildebrando Accioly, Estanislau S. Zeballos, Assis Chateaubriand, Mario Pinto Serva, Elysio de Carvalho, Sargento Albuquerque, Albertino Moreira, Gomes Leite, Lemos Brito, Joaquim Viana, Max Grillo, Victor Viana, Celso Vieira, Francisco Venâncio Filho e Jorge Latour. Em relação à temática, dez trataram de Cultura, sete de Política, três de Ciências, dois de Economia e um de História e de temáticas diversas.

Considerando as seções, foram publicadas doze matérias na Ecos e Notícias, quatro na Comentários, duas na Pequenas Notas e uma na Autores & Livros. Pela classificação temática, tem-se dezoito matérias sobre Política, catorze sobre Cultura, dez sobre Economia, três sobre Ciências, uma sobre História e uma sobre temas diversos. Os assuntos tratados, por sua vez, são extremamente diversificados e observaram a seguinte ocorrência: liderança mundial aparece em nove textos; arbitragem das relações internacionais, em seis; Identidade Nacional e Independência do Brasil, em cinco;

Feminismo, integração das Américas, produção científica e educação, em três; América Latina, estrangeiros nas Forças Armadas, importações, panorama da economia nacional, dívida externa, desenvolvimento e Doutrina Monroe, em dois; projeto de Nação para o Brasil, atividade turística, indústria automobilística, Comércio Exterior, petróleo, condecoração do Marechal Rondon e divórcio, apenas em um.

### **Liderança Vislumbrada**

As relações internacionais do Brasil, no início do século XX, durante a gestão do Barão do Rio Branco no Itamarati (1902-1912), começam a vislumbrar a participação dos Estados Unidos, tanto no âmbito financeiro, quanto na perspectiva política. Apesar da preponderância dos países europeus nas relações econômicas e políticas do País, bem como nas referências culturais, os Estados Unidos começam a se insinuar na fala dos intelectuais brasileiros, como se percebe pela pauta da *América Brasileira*.

O artigo *A Grandeza das Nações*, de Mario Pinto Serva<sup>6</sup> (n. 6, 1922:1), reúne as principais ideias desenvolvidas pelo periódico em relação ao papel estadunidense no continente americano. A pergunta que abre o texto traz sua chave de interpretação na resposta: “Quais são hoje as maiores potências do Mundo, as grandes nações à frente da humanidade e para as quais todos os povos voltam os olhos? São os Estados Unidos, a Inglaterra, o Japão e a França”. Os dois parágrafos seguintes são esclarecedores para o modelo de nação defendido pelo autor e pela revista:

E por que se impõem elas assim com uma força e importância que ninguém lhes pode negar, pois seria ridículo fazê-lo? Porque nelas a cultura do povo é adiantadíssima e o analfabetismo insignificante. (...) O grau de analfabetismo dá a medida exata da força e poder de uma nação (*América Brasileira*, n. 6, 1922:1).

Como destacam Carlos Guilherme Mota e Maria Helena Capelato, o debate sobre o progresso do Brasil coloca a Educação como fundamental na pauta dos investimentos: “é através da educação que as 'elites' se formam para desempenhar, não apenas o papel de dirigentes na política como também o de modeladores das consciências. Nesse sentido, a educação adquire um significado bem mais amplo - o de conhecimento, o de saber (MOTA & CAPELATO, 1980:85).

Nessa perspectiva, Serva compara os países europeus:

---

<sup>6</sup>Mario Pinto Serva (1881-1962) foi jornalista e político brasileiro. Fundou a Liga Nacionalista, o Partido Democrático e também o Partido Constitucionalista. Foi Deputado Constituinte em 1934, senô autor das Leis do Voto Secreto e da Alfabetização Obrigatória. Entre as diversas obras escritas, *A Pátria Nova* (1922) e *A Educação Nacional* (1924) são referenciais para o entendimento de sua tese a respeito da educação para o fortalecimento da democracia e, consequentemente, da modernização do Brasil.

Os países fortes da Europa são os do norte, em que o analfabetismo é insignificante. Os fracos são os do sul, em que o analfabetismo é considerável, como em Portugal, por exemplo, onde há 68% de analfabetos no total da população, e a Espanha, onde era de 58% o analfabetismo (*América Brasileira*, n. 6, 1922:1).

E ressalta o desenvolvimento dos Estados Unidos – “Na América, o país mais forte é os Estados Unidos, onde há apenas 7% de analfabetos no total da população (*Idem, ibidem*)” -, reforçando sua superioridade em relação aos demais: “Em seguida, vem a Argentina, onde há cerca de 50% de analfabetos no total da população (*Idem, ibidem*)”. A posição do Brasil é criticada: “O Brasil, não obstante seu enorme território e sua grande população, é um país fraco, fraquíssimo, porque conta 80% de analfabetos em sua população total (*Idem, ibidem*)”. Para o autor de *Pátria Nova*, romper com o analfabetismo é fundamental para a viabilização de uma nação moderna, democrática e economicamente forte. Por isso, é taxativo em relação à solução para esse grave problema: a organização de “um departamento nacional destinado a combater permanentemente o analfabetismo em todos os estados do Brasil, auxiliando e orientando a ação destes na educação do povo (*Idem, ibidem*)”. Enfatiza: “Nisso está o segredo de (...) todas as nações infelizes. Poucas nações dedicam toda sua energia à educação do povo. As que o fizeram são hoje as mais poderosas e ricas. Porque a educação é a solução de todos os problemas para o indivíduo e para a Nação (*Idem, ibidem*)”. Esmiúça:

Como preservar a saúde; como cultivar o espírito; como dirigir os nossos negócios; como criar uma família; como agir nos negócios públicos; como ser um bom cidadão; como usar todas as nossas faculdades no interessa da nossa própria felicidade; como viver o mais integral e completamente; todas essas questões, vitais para o indivíduo e para a nação, que é o conjunto dos indivíduos, todas elas têm a solução no problema da educação (*Idem, ibidem*).

Trata-se, enfim, de um programa de desenvolvimento pessoal e coletivo. Como Anísio Teixeira, um dos principais expoente do movimento Escola Nova, que se fortaleceu no Brasil da década de 1920, Serva aferra-se à causa da educação, conferindo-lhe um sentido de salvação universal, tal como uma crença religiosa. Em temporada de estudos, nos Estados Unidos, em 1928, Teixeira registraria

em um caderno de apontamentos de aula que, por cima de todas as mazelas, havia nos Estados Unidos a educação que pairava sobranceira sobre a “loucura pelo dólar, pela grandeza material” e que não se esquecia dos “valores espirituais da vida”. Em outra página, anotou: “A América está reinterpretando a vida”, fazendo da “educação uma religião”... “pelo espírito científico, pelo pragmatismo...” (WARDE, 2006: 176) .

O advogado e escritor Lemos Brito, no artigo *O Problema Vital (América Brasileira, n. 7, 1922:12)*, defende postura semelhante, ressaltando a intrínseca ligação entre a educação e a democracia:

(...) nós precisamos realizar uma democracia de ação e de fatos; a primeira, dia-a-dia mais intensa, os segundos, dia-a-dia mais indestrutíveis e mais claros. Para realizar essa democracia devemos disseminar a instrução, sem a qual o povo não poderá compreender jamais o que é pátria, lei, autoridade (*Idem, ibidem*).

Segundo ele, a assimilação do conceito de cidadania e, conseqüentemente, o fortalecimento da democracia, passam pela educação:

(...) maior é a nossa deficiência do ponto de vista da educação democrática. (...) por meio de todos os órgãos de manifestações do pensamento, precisamos ensinar o respeito à liberdade, não como expressão vaga de inexpressivo teorismo, mas como um acervo de garantias e de direito que blindam a personalidade humana, o culto da pátria, nas suas tradições, nas suas glórias e conquistas, nos seus homens do passado e do presente, e, enfim, a solidariedade sem a qual a civilização abortaria (*Idem, ibidem*)

Para Lemos Brito, não há como pleitear um posicionamento de liderança nas Américas e conquistar respeito nas relações internacionais, a exemplo dos Estados Unidos, sem assegurar educação de qualidade para todos os brasileiros:

Um país que disputa um posto permanente ao lado da Inglaterra e da França, da Itália, dos Estados Unidos e do Japão, no Conselho Supremo das grandes potências mundiais<sup>7</sup>; um país que se fez o líder da América Latina em Haia e em Versalhes; um país que vê eleito por maioria absoluta de votos um de seus estadistas-juiz da Suprema Corte Internacional<sup>8</sup>, não pode continuar roído por este cancro - o analfabetismo, e deve combatê-lo sob todas as formas imagináveis e a despeito de todos os sacrifícios (*Idem, ibidem*).

A liderança estadunidense é referência, no magazine, da consolidação da posição das Américas no panorama político internacional, como bem exemplifica o artigo *A China e a Conferência de Washington (América Brasileira, n. 4, 1922:12)*, assinado por Hildebrando Accioly<sup>9</sup>. Conhecida pelo Tratado Naval de Washington, nela firmado, tal Conferência

---

<sup>7</sup> Trata-se de referência à Liga das Nações Unidas (criada em 1919), onde o Brasil – membro não permanente – pleiteia participação como membro permanente no Conselho Supremo constituído por Inglaterra, França, Itália e Japão. Por se recusar a assinar o Tratado de Versalhes (1920), os Estados Unidos não se integraram a esse Conselho, apesar de muito terem concorrido para a criação da Liga. Mantiveram, contudo, intensa participação nas atividades por ela coordenadas, pautando por ela suas relações internacionais.

<sup>8</sup> Trata-se de referência a Ruy Barbosa, primeiro magistrado brasileiro a integrar a Corte Permanente de Justiça Internacional, vinculada à Liga das Nações.

<sup>9</sup> Hildebrando Pompeu Pinto Accioly (1888-1962) foi um diplomata de carreira e jurista brasileiro, especializado em Direito Internacional Público. Exerceu cargos de suma importância na diplomacia brasileira, entre os quais, delegado permanente junto à Sociedade das Nações, em Genebra (1924); encarregado de negócios do Brasil, em Washington (1934-1935); representante do Brasil na Conferência Interamericana de Consolidação da Paz, em Buenos Aires (1936); chefiou a delegação brasileira à VIII Conferência Internacional dos Países Americanos, em Lima (1938); embaixador do Brasil junto

reuniu representantes das principais potências navais da época, numa tentativa de evitar uma corrida armamentista, no pós Primeira Grande Guerra. Assinaram o Tratado, Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália e Japão. Mas, também participaram da Conferência, Portugal, Bélgica, Holanda e China. Na ocasião, os Estados Unidos aproveitaram para discutir a questão da abertura dos portos chineses, segundo Accioly, guiados pelo princípio da igual oportunidade a todos, que se tornou conhecido como o princípio das portas abertas, defendido pelo Secretário de Estado John Hay, contrariando a “política de arrendamentos e zonas de influência das potências europeias (*Idem, ibidem*)”.

Até os últimos tempos, parece que só uma das grandes potências nunca exigiu da China concessões territoriais ou privilégios especiais. Constituíram essa exceção os Estados Unidos, nos quais, além disso, o Velho Império do Meio encontrou constante apoio contra as ambições dos imperialistas japoneses e, mais recentemente, um decidido auxílio às suas aspirações para a democracia e para a cultura ocidental (*Idem, ibidem*).

Em outro artigo, *A Diplomacia da Independência (América Brasileira*, n. 9-12, 1922:55-56), dedicado a relatar um panorama das relações diplomáticas brasileiras, por ocasião dos festejos do Centenário, Accioly retomará o vanguardismo dos Estados Unidos ao reconhecer pioneiramente a Independência do Brasil – aliás, o magazine também ressalta que os americanos também foram os primeiros a reconhecer a independência do México, em *O Reconhecimento do Governo Mexicano pelos Estados Unidos (América Brasileira*, n. 5, 1922:29). Retomando, todavia, a questão chinesa, impressiona a clareza com que Accioly vislumbra a importância que a China viria a ter no século XXI: “A verdade é que os povos ocidentais já compreenderam que a China é um país que desperta e que, com seus quatrocentos e tantos milhões de habitantes, oferece o mais vasto mercado consumidor que o comércio e a indústria mundial possam encontrar (*América Brasileira*, n. 4, 1922:12)”.

### **Árbitro Das Relações Internacionais**

A atuação estadunidense como liderança no Ocidente começa a se desenhar no anos que se seguiram à I Guerra Mundial, pelo fortalecimento da economia – vinculado ao desenvolvimento da Indústria e do Comércio Exterior – e pela arbitragem de delicados acordos em um conturbado cenário de reconfiguração das relações internacionais. Tal

---

à Santa Sé (1939-1944); diretor do Instituto Rio Branco (1945-1946); secretário-geral das Relações Exteriores (1946); delegado plenipotenciário da Conferência de Paz, em Paris (1946); Ministro Interino das Relações Exteriores (1947-1948); presidente do Conselho da Organização dos Estados Americanos (1949-1950).



movimentação é acompanhada de perto pelo periódico em breves notas, comentários ou artigos.

Destacam-se acordos restritos às Américas como, por exemplo, a disputa territorial envolvendo Chile e Peru, pelas províncias de Tacna e Arina. Na verdade, tal embate é motivado pela fertilidade das terras da região peruana, em decorrência do guano (fezes de aves). Trata-se de um fertilizante natural com bom preço no mercado<sup>10</sup>. Em *A Questão Chileno-Peruana (América Brasileira, n. 4, 1922:31)*, relata-se como os Estados Unidos empenharam-se para o entendimento dos dois países, propondo a separação das duas províncias, argumento que será aceito anos depois, com a ratificação do Tratado de Lima, em 1929, segundo o qual Tacna manteve-se sob a jurisdição do Peru, passando Arina ao Chile, pelo pagamento de indenização de US\$ 6 milhões.

Acompanha-se com atenção a atuação estadunidense junto às potências europeias, como na Conferência de Washington, já comentada, ou na Conferência de Gênova, que, de abril a maio 1922, reúne 34 países para debater as relações econômicas, sobretudo, o sistema econômico internacional, no Pós-Guerra, liderados por Inglaterra, França e Estados Unidos. Curiosamente a nota intitulada simplesmente *A Conferência de Gênova (América Brasileira, n. 4, 1922:4)*, ao mesmo tempo em que ressalta a valorosa participação estadunidense, agradece a interseção da França pela participação de representantes da América Latina: “(...) a Europa se convenceu finalmente de que não pode prescindir do concurso dos povos desta parte da América que lhe estão (*sic*) fornecendo subsistências e matérias-primas desde os primeiros anos da guerra (*Idem, ibidem*)”. E ironicamente finaliza: “(...) a América do Sul já não é apenas uma expressão geográfica, que a indiferença dos europeus designava, envolvida nas trevas do *lá-bas*<sup>11</sup> (*Idem, ibidem*)”.

### **Modelo Desenvolvimentista**

A situação econômica da América do Sul, contudo, não caminha a passos largos, como faz ver o comentário *As Finanças da América do Sul (América Brasileira, n. 4, 1922:31)* sobre longo estudo publicado no *Wall Street Journal*, de Nova Iorque. No primeiro parágrafo, observa-se que o panorama do Brasil, apesar da desvalorização da moeda e da queda nas exportações, não é de todo ruim, mantendo-se o crédito em alta –

---

<sup>10</sup> Para maiores informações ver Tereza Cristina Filippo. *Um diálogo entre Balún Canán e Los Ríos Profundos*, Tese de Doutorado, Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2008.

<sup>11</sup> Em Francês, distante, muito longe.

todavia, a economia argentina seria mais estável. Passa-se em revista cada país do continente latino-americano, salientando a importância estadunidense para a manutenção dos programas de desenvolvimento pela concessão de empréstimos. Na mesma página, uma pequena nota reforça tal percepção, com a divulgação da compra por americanos de uma propriedade para explorar petróleo: “(...) o comércio dos Estados Unidos com o Chile, Peru e Bolívia será muito aumentado pelo emprego de capitais americanos em novos empreendimentos (*América Brasileira*, n. 4, 1922:31)”. A publicação, todavia, ressalta que também os países europeus estão em dívida com aquela nação, contraídas durante a I Guerra (*América Brasileira*, n. 6, 1922:23).

Os investimentos estrangeiros, sobretudo americanos, para o desenvolvimento brasileiro são defendidos por Assis Chateaubriand, no artigo *Jacobinismo Brasileiro* (*América Brasileira*, n. 4, 1922:23). Afirma ele:

Na [sic] fórmula jacobinista – o Brasil para brasileiros – é uma destas expressões tão idiotas que nem paga a pena refutá-la. Povo nenhum, sob pena de suicidar-se, pode pensar em viver para si, fechado em suas linhas de fronteiras, egoisticamente, como um iluminado da Idade Média. Os Estados Unidos são o Império contínuo mais gigantesco que ainda viu a humanidade depois do Império Romano e do Império Russo. De 1914 a 1919, eles se tornaram o empório do ouro no planeta (*Idem, Ibidem*).

O avanço da industrialização brasileira é denominador comum nos projetos para o desenvolvimento nacional. Segundo Paul Singer, em um país de desenvolvimento retardatário como o Brasil, há duas estratégias possíveis que passam pelo caráter substitutivo ou de importações ou de produção artesanal preexistente (1984:214). Para Chateaubriand,

O Brasil não tem outro caminho a escolher: ou ele importa inteligência, capital e braço estrangeiros para trabalhar ou se resigna a viver uma existência medíocre, miserável, na vastidão que um destino benigno lhe concedeu. Exatamente o que faz o surto vertiginoso dos países novos, de colonização, é que eles não progridem, não trabalham só com suas próprias forças, com os elementos da riqueza natural acumulada, mas também com as densas reservas de braços, de ouro e de atividade intelectual que de outros braços transbordam sobre as suas fronteiras... (*América Brasileira*, n. 4, 1922:23)

Desta forma, antecipa um debate que será extremamente acirrado a partir de meados da década de 1920, com o ingresso crescente das indústrias norte-americanas e europeias, e, sobretudo nos anos 1940, quando a Política de Boa Vizinhança estimulará diversas parcerias de tecnologia e educação:

Pregar entre nós o nacionalismo exclusivista, do ódio ao estrangeiro, do combate ao capital estrangeiro, é negar todo o progresso que aqui temos realizado, e que é fruto

do nosso esforço com a cooperação dos homens laboriosos e ativos, que investiram o seu ouro, a sua inteligência, o seu braço, na obra do desenvolvimento coletivo brasileiro (*Idem, ibidem*).

O discurso do presidente brasileiro Washington Luís, na inauguração da Estrada de Ferro Elétrica Sorocaba, em São Paulo, traduz o espírito desenvolvimentista que conduz o País, neste momento, e que, segundo o editor, “se enquadra perfeitamente no programa da *América Brasileira* (*América Brasileira*, n. 4, 1922:4)”:

(...) O respeito que elas [as nações] possam inspirar aos estrangeiros, pela sua organização, pelo seu espírito de disciplina, pela clarividência de seus chefes, pelo patriotismo e abnegação de seus elementos, garante a paz que permite o trabalho confiante, o trabalho que traz a riqueza e o progresso; assegura a existência do lar, a honra das famílias, a integridade do Brasil, a grandeza da Pátria (*Idem, ibidem*).

Trata-se de buscar não só um padrão de desenvolvimento, mas sobretudo um padrão de comportamento para o cidadão e conseqüentemente para a Nação:

(...) Como os Estados Unidos, na América do Norte, não obstante todas as dificuldades tormentosas que atravessaram, souberam e puderam se manter íntegros, formando a grande e formosa nação que são hoje; nós, na América do Sul, sairemos e poderemos conservar a grande e formosa pátria brasileira. Somos mais de 30 milhões de brasileiros, em mais de 8 milhões quilômetros quadrados. São, sem dúvida, os grandes delineamentos de uma grande nação, obra e herança dos nossos maiores (*Idem, ibidem*).

### **Considerações Finais**

Modernização, educação, industrialização, urbanização são palavras-chave no debate nacional das décadas de 1920 a 1940, no Brasil. Neste debate, infere-se uma influência significativa de modelos estrangeiros, observando-se gradativamente a substituição dos modelos europeus – sobretudo, o francês – pelo americano. Em meio à busca da Identidade Nacional, ensaia-se a construção de um ideal que impulsione o País rumo ao Progresso: “Na nova fase em que entra o mundo, após a Grande Guerra, (...) é que se há de resolver o problema essencial do Brasil e, posto um fundo de otimismo consolador nos animes, receamos a perspectiva ignorada, que nos levará ou não ao triunfo (*América Brasileira*, n. 7, 1922:11)”.

O autor de *A Míngua de um Ideal*, contudo, alerta:

Não basta que clamemos patriotismo em hinos, discursos ou odes, mas precisamos que cada ato de cada brasileiro seja feito com confiança na sua eficácia o que nos habituará a agir sempre bem e o país, cujo esforço singular de cada um de seus filhos é benéfico, é uma grande pátria (*Idem, ibidem*).

E aponta um caminho:

Que melhor exemplo que os Estados Unidos, onde é mínima a intervenção oficial e máximo o esforço individual? Essa nação não tem, pelo valor próprio e intensivo de cada americano, criado o maior surto de civilização em pouco mais de um século de independência? E haverá país em que a confiança em si, a fé, a convicção seja apanágio de patriotismo mais decidido? (*Idem, ibidem*).

Este programa de ação é o que pretendemos investigar, aprofundando a análise deste periódico, ampliando o recorte de edições e comparando com publicações contemporâneas, em uma próxima etapa de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Fernando Henrique. **O Sistema Oligárquico nos Primeiros Anos da República.** In FAUSTO, B. (org.). **O Brasil Republicano**, São Paulo: Difel, 1984, v. III.

FILIPPO, Tereza Cristina. **Um diálogo entre Balún Canán e Los Ríos Profundos**, Tese de Doutorado, Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2008.

FLORES JR., Wilson José. **Belazarte e os engodos da modernização brasileira: leitura da crônica O Diabo**, de Mário de Andrade *In* Revista Garrafa 23, jan. – mar. 2011, [http://www.ciencialit.letas.ufrj.br/garrafa/garrafa23/wilsonflores\\_belazarteeosengodosda.pdf](http://www.ciencialit.letas.ufrj.br/garrafa/garrafa23/wilsonflores_belazarteeosengodosda.pdf)

LEMOS, Clarice Caldini. **O Nacionalismo na América Brasileira: a questão da raça.** *In* Anais do XXVII Congresso Nacional de História, Natal: Anpuh, 2013.

MOTA, Carlos Guilherme & CAPELATO, Maria Helena. **História da Folha de S.Paulo (1921-1981)**, São Paulo, Impres, 1980.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. **Tal Brasil, qual América?** A América Brasileira e a cultura ibero-americana. *In* Diálogos Latinoamericanos, n. 12, nov. 2007, pp. 42-67.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva **O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: 1930-1942 - O processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial**, São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

SINGER, Paul. **Interpretação do Brasil: uma experiência história de desenvolvimento.** *In: O Brasil Republicano*, São Paulo: Difel, 1984, v. III.

WARDE, Miriam Jorge. **Encantamentos E Desencantamentos Com A América: Os Estados Unidos Em Escritas De Anísio Teixeira** *In* Projeto História, São Paulo: PUC, n.32, jun. 2006, pp. 171-189.

## Periódicos

revista **América Brasileira**: Resenha da Actividade Nacional, Rio de Janeiro, n.5, abril/1922.

revista **América Brasileira**: Resenha da Actividade Nacional, Rio de Janeiro, n.6, maio/1922.

revista **América Brasileira**: Resenha da Actividade Nacional, Rio de Janeiro, n.7, junho/1922.

revista **América Brasileira**: Resenha da Actividade Nacional, Rio de Janeiro, n.8, julho/1922.

revista **América Brasileira**: Resenha da Actividade Nacional, Rio de Janeiro, Edição Especial do Centenário, n.9-12, ago.-dez./1922.